



Editorial

Este número da Tríade: comunicação, cultura e mídia vincula-se ao Grupo de Pesquisa em Imagem Midiática (GPIM), do Programa de Pós-Graduação de Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO). Assim, é a imagem que aqui se faz objeto, com ênfase na produção de sentidos em processos e produtos midiáticos; na sua relação com a palavra, com o pensamento e com a técnica; no processo de construção social da visão; nas metodologias de interpretação.

Lucia Santaella abre este número, apresentando-nos *Uma imagem, é uma imagem, é uma imagem...* Lembra-nos a autora de que a profusão de dispositivos, máquinas, aparelhos, mídias impulsionou a capacidade de produzir, manipular, conservar, expor, transmitir, fazer circular socialmente novas formas de linguagens. Em todas elas, a imagem e o som se fazem presentes, “minando a hegemonia secular da linguagem escrita como meio privilegiado de produção e transmissão da cultura”. Se por um lado, não se pode negligenciar, sobretudo no campo das mídias imagéticas, uma abordagem centrada nas teorias críticas, que abre “janelas alternativas para se enxergar as contradições e paradoxos da realidade social e também psíquica”; por outro, não se deve descuidar do fato de que “ela é também forma de conhecimento, imprescindível aos processos cognitivos e de aprendizagem”. É sobre esta vertente que ruma o texto de Santaella, levando-nos aos recônditos da imagem enquanto signo/alimento dos processos cognitivos.

A imagem-memória ganha espaço nas reflexões de Denize Correa Araujo. Aos olhos da autora, imagens fílmicas da ditadura – filmes documentários, ficcionais e de animação, dramas baseados em fatos reais, e dramas documentais – “que contemplam pontos de vista diversos sobre factuais das ditaduras, formando uma rede polifônica subjetiva” – tornaram-se (ou se tornarão) imagens-memória.

Michel de Oliveira e Paulo César Boni trazem para reflexão a crescente perda da materialidade das fotografias de família. A intimidade do reduto doméstico vai sendo rompida quando da disseminação dessas fotos na web. Esse deslocamento faz com que



“as fotografias pessoais deixem de ser relicários afetivos para se tornarem artefatos perecíveis”.

A discussão sobre os fenômenos da adultescência e infantescência verificados no padrão estético infanto-juvenil nos meios de comunicação, notadamente na publicidade, é trazida à baila por Malena Segura Contrera e Carlos Henrique Aiello. Ao atingir diferentes faixas etárias, essas imagens midiáticas “construídas intencionalmente como produto de consumo” buscam expandir as fronteiras mercadológicas na esteira da glamourização da juventude.

Questões contemporâneas como os selfies, o rosto e os ‘self-mídias’ são postas em discussão por Bent Fausing, em seu texto original (inglês) e em sua versão para o português. O autor trata os atuais selfies como o mais novo produto de uma tradição que principiou com a invenção do espelho, passando pelo livro e pela pintura em miniatura. O autor irá enfatizar o self, o rosto, onde o self é mais visivelmente expresso e visto, e as self-mídias, onde o indivíduo pode encarar a si próprio.

Newton Guilherme Vale Carrozza e Mirian dos Santos apresentam como proposta refletir sobre a possibilidade de introduzir a Análise do Discurso como uma teoria de interpretação capaz de dar suporte para o entendimento dos processos comunicativos de maneira global.

Aline Maia explora as configurações estéticas da juventude e da periferia, expressas nos documentários “A Ponte” (2008) e “A Batalha do Passarinho – O filme” (2012), tomando-as como possíveis interlocuções para a configuração e reconfiguração do escopo da vida urbana. Luiz Vadico trata da relação entre o sagrado e o profano, em dois filmes hollywoodianos: “A Canção de Benadette” (King, 1948) e “O Milagre de Fátima” (Brahm, 1952).

Entre as imagens midiáticas, indo do cinema para a TV, Giani David-Silva e Rafael Angrisano tratam do *ethos* discursivo dos telejornais, enfatizando o papel da edição na construção das narrativas e tomando como corpus um acontecimento comum e corriqueiro na pauta telejornalística, de temática “cotidiano”, nos telejornais mineiros, Jornal da Alterosa e MG TV.



Roberto Elísio dos Santos e Waldomiro Vergueiro tratam da produção humorística brasileira publicada na revista *MAD*. Os autores ressaltam a importância da edição brasileira desse produto midiático impresso, lançada em 1974, para o campo das histórias em quadrinhos e do humor gráfico. A questão do encontro de culturas está presente no artigo de Danielly Batistella, que trata da cultura popular japonesa por meio da apresentação, análise e interpretação das modificações de aspectos dessa cultura representados e engendrados por palavras e imagens no mangá.

Em entrevista, Winfried Nöth comenta como iniciou e como está construindo seu percurso pela arquitetura filosófica de Peirce. Vem daí as contribuições para a Semiótica visual, para a iconicidade na linguagem falada e escrita e para o conceito de máquinas semióticas, principalmente. Nöth também comenta sobre o papel da obra de Peirce na Filosofia e em outras disciplinas acadêmicas, bem como expõe os problemas em aberto neste campo e, por fim, projetando o crescimento das ideias peirceanas enfatiza que de “Peirce aprende-se que as máquinas semióticas atuarão de modo nem mais nem menos autônomo que as mentes humanas. Em longo prazo, é o signo que prevalecerá na evolução semiótica.”

Finalmente, Paulo Celso da Silva apresenta a resenha de *Habermas com Lacan. Introdução crítica à teoria da ação comunicativa*, livro de José Luiz Aidar Prado lançado em 2014.

Agradecemos a todos os que tornaram possível mais este número da revista: autores, colaboradores, Comissão Científica, Comissão Editorial.

A você desejamos uma boa leitura!

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza
Maria Ogécia Drigo